

Entre Fogo e Sangue

Amostragem

Entre Fogo e Sangue

UM CONTO ÉPICO DE HORROR MEDIEVAL

Christopher Buehlman

Tradução de Cássia Sgarabotto



ALTA BOOKS

GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2026

Entre Fogo e Sangue

Copyright © 2026 MORRO BRANCO

MORRO BRANCO é uma editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2012 CHRISTOPHER BUEHLMAN

ISBN: 978-65-6099-102-6

Translated from original Between Two Fires. Copyright © 2012 by Christopher Buehlman. ISBN 9798662731349. This translation is published and sold by arrangement with the author. All rights reserved. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2026 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B932e
Buehlman, Christopher
Entre fogo e sangue / Christopher Buehlman;
tradução de Cássia Sgarabotto. 1.ed. – Rio de Janeiro:
Morro Branco, 2026.
392 p.; 15,7 x 23 cm.

Título original: Between Two Fires.
ISBN 978-65-6099-102-6

1. Romance norte-americano. 2. Horror. 3. Fantasia
histórica. 4. Idade Média – Ficção. I. Sgarabotto,
Cássia. II. Título.

CDD 519.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura norte-americana: Romance
de horror: Fantasia histórica 813.6

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books
Diretor Editorial: Anderson Vieira
Vendas Governamentais: Cristiane Mutus
Coordenadora Editorial: Illysbelle Trajano
Produtora Editorial: Beatriz de Assis

Tradução: Cássia Sgarabotto
Copidesque: Alessandro Thomé
Diagramação e Capa: Rita Motta
Revisão: Eveline Machado



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br
Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



Editora
afiliada à:



PARTE UM

Nesses dias, o Senhor Deus havia voltado Seu rosto para longe dos negócios dos homens; e os anjos que Lhe permaneceram fiéis disseram, uns aos outros: precisamos cuidar dos filhos de Adão. E assim o fizeram, o melhor que puderam.

Também a terça parte dos anjos que haviam se rebelado olhou para a Terra e viu a mão de Deus retirada dela; e o ar estava frio nos vales dos homens, e o mar também estava frio.

E um dos anjos caídos, cujo nome era Uziel, disse: foi por causa do homem que fomos lançados abaixo, porque não dobraríamos o joelho diante dele; ponhamos o Senhor à prova e vejamos o que Ele fará se afligirmos com fome seus reinos mais poderosos. E esse anjo ergueu-se das águas do mar e fez chover; e as espigas de trigo e as de cevada ficaram pesadas naquela chuva, e caíram na lama, ou mirraram, ou apodreceram; e o gado adoeceu, e morreu em grande número; e, por sua vez, os filhos de Adão conheceram a fome; e os homens devoraram tudo quanto havia, e nada mais restou. E muitos morreram. E alguns iam ao campo dos mortos e comiam dos recém-sepultados. E os bebês nascidos nesses anos que chegaram à infância tinham apenas 22 dentes.

E o Senhor não deu resposta.

Agora, outro dos caídos, cujo nome era Beliel, disse: foi por causa do homem que a guerra começou no Céu; portanto, provemo-los com guerras em seus maiores reinos; e ele subiu pelos poços de um rei que governava uma poderosa ilha, e soprou orgulho em sua boca; e quando esse rei falou, jurou que tomaria a coroa de um reino ainda maior, o qual conquistaria pela espada. E assim desceu armado, com estandartes, sobre a costa de seu vizinho. Ora, o rei maior, vendo que sua terra estava em

perigo, enviou um poderoso exército com armaduras de ferro e prata; e cavalgaram contra os homens da ilha, que os atingiram com flechas, mesmo através da armadura, e eles morreram. E assim começou a longa guerra.

E o Senhor não deu resposta.

E aconteceu que o primeiro entre os caídos, cujo nome era Lúcifer, disse: nosso velho inimigo dorme; se não aproveitarmos esta hora, chegaremos ao Fim dos Dias como Ele os escreveu, e Ele nos esmagará sob Seu calcanhar, e nos destruirá para sempre; levantemo-nos contra Ele agora, todos juntos, e derrubemos os muros do Céu, e sacudamos as almas dos justos; e agarremos nossos irmãos anjos pela garganta, e os lancemos no Inferno; e vivamos como outrora vivemos, sobre a Grande Altura.

Mas alguns temiam o poder dos anjos de Deus, cujo número era maior, e cujos generais eram Uriel, Gabriel e Miguel, que haviam quebrado a espinha de Lúcifer e o enviado às brasas ardentes no ventre da Terra para escurecer-lhe o rosto de fuligem e para que soubesse que era inferior ao Senhor.

E alguns temiam que Deus despertasse de Sua sonolência e os atormentasse com dores e fogos que nem eles haviam aprendido a suportar, ou os destruísse por completo.

E o primeiro entre os caídos lhes falou, dizendo: então ponhamo-Lo à prova mais uma vez; é por causa do homem que fomos ultrajados, por causa dele que fomos expulsos, e pela paz dele que estamos emparedados; rompamos o teto do Inferno com os punhos e assassinem a descendência de Adão; pois, se Deus não Se erguer para salvar Sua criatura favorita, Seu sono é profundo, e podemos agarrá-Lo pelos cabelos, e derrubá-Lo.

E um dos caídos, cujo nome era Azazel, disse: havemos de matá-los com fogo ou com frio?

E Lúcifer lhe falou, dizendo: nenhum dos dois.

E então?, perguntou o anjo ímpio.

Com uma Grande Peste, respondeu Lúcifer.

E assim foi.

E os anos passados desde que o Senhor viera nascer entre os homens eram 1348.

1

Do Burro

Os soldados encontraram o burro numa sexta-feira. Estava manco e suas costelas eram fáceis de contar; estava fraco demais para fugir deles ou mesmo para zurrar, mas não parecia ter a doença. Era apenas velho.

Olhou para eles com esperança debaixo de um salgueiro, abanando o rabo contra as moscas. O gordo, e ninguém sabia como ele continuava gordo, ergueu seu martelo de guerra, pronto para lhe esmagar o crânio, mas Thomas o deteve. Apontou para o celeiro. Seria mais sensato levá-lo primeiro até lá, onde poderiam se abrigar da chuva que se aproximava. Godefroy concordou com um aceno.

Os quatro homens estavam na estrada havia muitas semanas, em seus farrapos e armaduras enferrujadas, sem uma boa refeição, vivendo de comida estragada encontrada nas casas, agrião e brotos de taboa tirados das valas, vermes, insetos, bolotas e até um gato podre. Todos já haviam comido tanta grama que mijavam verde. A doença era implacável ali; matara tantos camponeses que não havia pão nem mesmo nesse vale fértil. Não havia mãos suficientes para manejar as foices, nem mulheres dispostas a se juntar para a colheita, nem moinho para moer, nem padeiros para acender os fornos. A enfermidade, que chamavam de “a Grande Morte”, passava misteriosa, mas certa, de um para outro tão facilmente quanto homens poderiam apertar as mãos, ou uma criança chamar o nome de um amigo, ou duas mulheres trocarem um olhar. Agora ninguém fitava o vizinho, nem lhe falava. Caíra tão pesadamente sobre esta parte da Normandia que os mortos já não podiam ser sepultados; eram empilhados do lado de fora em suas camisas longas e sujas, fedendo

sob o sol de agosto, e as moscas zumbiam em torno deles. Jaziam nos campos de centeio e aveia, tomados pelo mato, para onde tinham fugido em delírio. Jaziam miseravelmente na sombra da igreja da cidade, para onde haviam rastejado na esperança de que aquele último gesto diminuísse o tempo no purgatório, colados como pássaros presos à pedra calcária, onde tentaram resfriar as cabeças febris. Alguns apodreciam nas casas porque eram os últimos e não havia ninguém para tirá-los de lá. Os que tinham posses haviam fugido, mas muitas vezes a peste os perseguia até mesmo nas colinas, nos pântanos e nos solares, e os matava ali mesmo.



Os soldados acenderam um fogo no celeiro, bem ao lado de um riacho e de uma casa de destilaria. A lenha estava úmida e soltava uma fumaça desagradável, enegrecendo o celeiro sem chaminé, mas logo eles já cortavam pedaços da coxa do burro, enfiando-os em varas, comendo quase crus, porque não podiam esperar que o fogo fizesse o seu trabalho, lambendo os dedos ensanguentados, assentindo uns aos outros porque as bocas estavam cheias demais para dizer o quanto aquilo era bom.

O sol se punha em tom de laranja por baixo de uma brecha nas nuvens cor de estanho que começavam a cuspir chuva, quando a menina enfiou a cabeça pela porta do celeiro.

— Olá — disse ela.

Todos os homens pararam de mastigar, exceto Thomas.

Ela estava numa idade ruim para encontrar aqueles homens; velha demais para estar a salvo e nova demais para entender o porquê. Seus cabelos cor de linho, que talvez fossem bonitos se não estivessem oleosos e molhados, caíam úmido sobre a nuca, e os pés cresceram antes do resto do corpo, parecendo grandes demais para as pernas finas como gravetos.

— Olá — repetiu ela.

— Olá pra você também — disse Godefroy, inclinando seu corpo magro em direção a ela como um gato mirando um pássaro.

— Vocês estão comendo Nabo — disse ela, sem emoção.

— É burro. Quer um pouco?

A frase soaria amistosa, não fosse o gesto de Godefroy batendo no tronco podre em que estava sentado. Se ela quisesse comida, deveria se sentar perto dele.

— Não. Ela estava amarrada no mato para ficar escondida, mas deve ter se soltado. O nome dela é Parsnip — disse a menina.

— Bem — falou Thomas —, que sorte a nossa. Não devemos comer carne na sexta-feira, mas nabo é perfeitamente permitido.

Os outros riram.

— Essa tua língua, Thomas... — disse Godefroy, alongando o último s, como a mãe meio espanhola de Thomas insistia em pronunciar. — Nascido em berço de putaria.

— Hoje é sexta-feira? — perguntou o gordo. Tanto Thomas quanto Jacquot, o do olho caído, assentiram. Só Thomas continuou comendo. Os outros olhavam para a menina. Ela permaneceu ali, parada.

— Venha se sentar comigo — disse Godefroy, batendo de novo no tronco. Com a outra mão afastou uma mecha de seu cabelo preto e ensebado. Usava joias que não combinavam com um homem tão sujo. O olhar dela se fixou numa cruz de jaspe pendurada num colar de ouro; coisa que a esposa de um senhor poderia usar.

— Preciso de ajuda — disse ela.

— Venha sentar aqui e me conte.

Ninguém queria estranhos por perto nesses tempos; ela começou a perceber que havia algo sombrio na mente daquele homem.

A palavra é estupro, ele vai me estuprar.

Pensou em virar e correr de volta para sua árvore, mas um anjo lhe havia mostrado aqueles homens e apontado para o celeiro. Sabia que era um anjo porque o cabelo ruivo (dela? dele?) não parecia se molhar na chuva, e porque se parecia com algo entre um homem e uma mulher, mas mais belo que ambos; apenas apontou e disse *Vá e veja*. Quando os anjos falavam com ela, e talvez já vira três, falavam o mesmo francês normando que ela, e isso lhe parecia estranho. Não deveriam soar como estrangeiros?

Ela depositou sua fé naquele anjo, mesmo que agora tivesse desaparecido. Era o anjo que mais via, e gostava de pensar que era seu.

Ela não correu.

— Preciso de ajuda para colocar papai numa cova.

— Menina tola, não existem covas mais. Já estamos todos numa cova. Apenas empilhe os ossos dele lá fora. Alguém vai dar um jeito.

— Quem?

— Como diabos vou saber? Essa é a sua vilazinha miserável. Talvez umas freiras, ou monges, sei lá. De qualquer forma, todo mundo só está largando os mortos do lado de fora.

— Não consigo levantá-lo.

— Pois eu não vou levantar. Não vivi até agora para pegar a praga carregando servos mortos.

— Ele não é servo.

— Não estou nem aí.

— Por favor.

— Esqueça, menina — disse Thomas. — Volte para dentro de casa agora.

Esse homem era diferente; não a assustava, mesmo sendo o maior deles; exótico, com os cabelos escuros um pouco longos; bonito, apesar do nariz quebrado mais de uma vez e de uma cicatriz redonda e picada na face. Tinha mais armadura que os outros, placas nas pernas e ombros, além de uma cota de malha mais comprida. Mas, sobre o capuz de malha, usava o grande chapéu de palha de camponês, atravessado por uma colher de chifre; era claramente perigoso, mas também um tanto ridículo. Falara ríspidamente, mas como quem late para uma criança a fim de fazê-la agir rápido em caso de perigo.

Ela gostou dele.

— Espere um instante — disse Godefroy, descartando Thomas e agora se dirigindo à menina. — Quanto vale para você?

Salteadores. Essa era a palavra para o que eram aqueles homens; soldados antes da guerra com os ingleses, mas que agora vagavam pelas estradas, ou se escondiam nos bosques para roubar viajantes. Mesmo antes da peste, o pai dela conversava com os vizinhos sobre o que fazer se salteadores aparecessem.

Agora eles estavam ali e ninguém podia ajudá-la.

Por que o anjo a deixara? Por que a empurrara justamente na direção daqueles ladrões?

— Só temos um pouco de prata — disse ela —, e alguns livros.

— Não quero prata.

— Os livros são muito bons, a maioria nova, da Universidade de Paris.

— Livro serve pra limpar minha bunda. Quero ouro.

— Não tenho ouro.

— É claro que tem.

Godefroy se levantou agora, e Thomas parou de comer. Godefroy foi até ela e apontou dois dedos para onde estaria seu púbis sob o vestido sujo.

— Bem aqui — disse ele. — Não tem? Não tem um pouquinho de ouro aí?

O gordo foi o único que riu, mas um riso vazio. Nenhum deles gostava dessa tara do chefe, seu gosto pelo fruto verde demais. Ela tinha os ossos finos e a estrutura pequena de uma criança, mas o olhar era mais do que o de uma menina; provavelmente estava às portas do primeiro sangue. Se vivesse, no verão seguinte seria alta.

— Jesus Cristo, Godefroy, deixe-a em paz — disse Thomas.

— Isso é só para o meu marido.

— Ah! — Godefroy latiu, divertido com aquele toque de malícia. — E onde está ele?

— Não sei.

— Ele não devia deixá-la sozinha.

— Quero dizer que não sei quem ele é. Ainda não fui prometida.

— Então serei seu marido.

— Acho melhor ir agora.

— Seremos todos seus maridos. Somos bons maridos.

— Ela pode estar com a praga — alertou o gordo, voltando a mastigar.

— Prefiro pegar dela do que do pai dela.

— Deixe a menina em paz — disse Thomas, e dessa vez não era um pedido. Pousou o chapéu de palha ao lado. Tentou fazer isso de forma casual, mas o gordo percebeu e, também tentando ser discreto, cuspiu o pedaço enorme de carne de burro que mastigava e pôs o resto sobre a sacola de couro.

Godefroy se virou para encarar Thomas. A menina escorregou pela porta.

— E se eu não quiser deixá-la em paz? — disse Godefroy.

— Ela é só uma garotinha assustada numa casa de mortos. Ou está cheia da peste e você vai pegar isso dela, ou é protegida pela mão de Deus. O que seria ainda pior para nós. Guarde seus “casamentos” para as putas.

— As putas estão todas mortas — disse Jacquot.

— Certamente não todas — disse Thomas, tentando mais uma vez. — E se ainda houver uma só puta com a *buceta* quente em toda a França, Godefroy vai farejá-la.

— Você é engraçado — disse Godefroy. — Sempre foi engraçado, Thomas. Mas eu preciso foder alguma coisa. Vá buscar a menina.

— Não.

Thomas se levantou. Godefroy recuou um pouco, apesar de sua liderança de fachada; Thomas já tinha fios brancos na barba e marcas de idade no rosto; era o mais velho dos quatro, mas os músculos nos braços e nas laterais do pescoço o faziam parecer um touro. As coxas eram duras como vigas de telhado e os joelhos, sempre prontos para se dobrar. Todos tinham lutado na guerra contra os ingleses, mas só ele fora treinado como cavaleiro.

Godefroy notou onde estava a espada, e Thomas percebeu que ele notara.

Thomas inspirou fundo como um fole e soprou o ar entre os dentes cerrados. Fez isso duas vezes. Todos já tinham visto aquele gesto, mas nunca feito contra eles.

Uma gota de suor correu pelo nariz de Godefroy.

— Eu vou atrás dela — disse Jacquot, satisfeito por ter pensado num meio-termo.

Saiu do celeiro para a chuva, puxando o capuz vermelho e duro sobre a cabeça. Segurou a ponta comprida do capuz sobre o nariz e a boca contra o fedor que saía da casa, e empurrou a porta com o pé. O sol já estava quase posto, mas o interior da casa ainda guardava o calor. O cheiro era nauseante. A luz mortiça que passava pelas ripas de chifre polido das janelas caía sobre o corpo de um homem morto e inchado, que havia manchado os lençóis em cima de um monte de palha que já não podia ser chamada de cama. Ele tinha chutado muito nas pontas dela. O rosto estava negro. A camisa se mexia; vermes rastejavam em festa sobre ele, assim como sobre duas cabras e um porco que tinham entrado na única sala da casa para morrer.

A menina não estava ali, e mesmo que estivesse, Jacquot não tinha vontade suficiente de encontrá-la a ponto de ficar naquele quarto quente e sem Deus.

Preferiria voltar logo para o celeiro, mas seu fracasso só deixaria Godefroy de mau humor. Então deu a volta nos fundos da casa, agradecido pelo ar mais fresco, e assobiou por ela. Ficou imóvel, olhando ao redor com cuidado. Logo foi recompensado: viu a perna branca dela, lá no alto de uma árvore. Dez minutos mais e já estaria escuro o bastante para escondê-la.



Ela estava no alto de sua árvore, sussurrando pelo anjo e pedindo que voltasse; mas já não tinha certeza se mais alguém podia vê-los, ou se podiam fazer ou erguer alguma coisa. Ou mesmo se eram reais. Só começara a vê-los desde que a Grande Morte chegara.

Achava que os que via eram anjos menores; os famosos, como Gabriel, deviam estar se preparando para o Dia do Juízo, que não podia demorar. Gabriel tocaria a trombeta e todos os Mortos em Cristo sairiam de suas covas; sabia que isso deveria ser uma coisa boa, mas a ideia de cadáveres voltando a se mexer era a pior coisa que podia imaginar; dava-lhe tanto medo que às vezes não conseguia dormir.

Se os anjos eram reais, por que a tinham abandonado agora? E por que não ajudavam ninguém quando adoeciam?

Por que tinham deixado seu pai morrer de forma tão horrível?

E agora, o homem do olho caído a tinha visto.

Por que o anjo não cegava aquele homem, como tinham feito com os pecadores de Sodoma e Gomorra?

— Desça, passarinho — disse Jacquot. — Não vamos machucar você.

— Vão sim — respondeu, encolhendo a perna sob o vestido o máximo que conseguiu.

— Está bem, vamos. Mas não muito e não por muito tempo. Talvez só uma noite e uma manhã. Depois seguiremos viagem. Ou, melhor ainda! Podemos levar você conosco. Gostaria disso? Quatro maridos fortes e passagem para fora da cidade?

— Não, obrigada.

Ele saltou para um galho baixo e forte, quase alto o bastante para alcançar o pé dela, mas ela subiu mais. Era muito mais leve que ele. Esse jogo ele ia perder.

— Não dê trabalho — disse ele.

— Não me estupre — respondeu ela.

— Não será estupro se você concordar.

— Será, sim. Porque só vou concordar para evitar ser machucada.

— Então está resolvido. Você vai concordar para não se machucar. Muito bem. Desça, ou eu machuco você. — E pulou de volta para o chão.

— Você não fala sério — disse ela.

— Falo sim.

— Você não é um homem mau. Não acredito que seja.

— Receio que sou.

— Mas não precisa ser!

— Desculpe. Já sou. Agora, estou vendo um monte de pedras bonitas lá no riacho. Que tal se eu for buscá-las e atirá-las até você descer?

A folhagem não permitiria que jogasse muitas pedras, e ele nem tinha certeza de que seria capaz de atirar uma nela, mas disse como se fosse verdade. Sentia que precisava levá-la rápido ao celeiro.

— Por favor, não faça isso.

— Então desça.

— É o outro. Ele é o malvado. Diga a ele que não conseguiu me encontrar.

— Ele tem mau gênio.

— Meu pai também tem.

— Ele está morto.

— Não, não está.

— Chega de jogos. Desça ou eu derrubo você com pedras.

Agora ela chorava. Ele achou que ela resistiria, mas a moça logo tateou com o pé comprido e desajeitado em busca de um galho mais baixo. Ele a ajudou a descer e sentiu o tremor dela. Sentiu-se enojado com o que estava fazendo, mas endureceu o coração. Decidiu falar com ela enquanto a erguia no ombro e caminhava de volta para o celeiro.

— Sei que isso parece horrível, mas não é tanto assim. Se Deus quisesse ordem e bondade no mundo, não teria deixado as coisas tão difíceis para nós. Já estamos todos mortos, homens e mulheres. Ele quer caos e morte? Pois que os tenha. Que escolha temos nós? Tudo o que podemos fazer é nos divertir um pouco antes que o ceifador venha nos buscar, não é? E ele vai vir. Se relaxar, talvez não seja tão ruim para você.

— Você só diz essas coisas para se sentir melhor — respondeu ela, ofegante de medo pelo que estava prestes a acontecer.

— Você é uma garota esperta. Demais até. Este mundo não foi feito para garotas espertas. Chegamos. — Dito isso, ele abriu a porta do celeiro com a mão livre.

— Maria, Mãe de Deus — disse ele.

Godefroy dava seus últimos suspiros, com a respiração pesada, de braços na terra, com um buraco na cabeça de onde jorrava sangue em arco, como de um odre furado. As mãos tremiam. O gordo estava largado

contra a parede, parecendo uma criança sonolenta com o queixo no peito, exceto que estava encharcado de sangue e a cabeça pendia torta, quase solta. A mão dele estava decepada logo abaixo de onde acabava a malha de ferro. Estava ali perto, ainda agarrada ao cruel martelo. O assassino havia cravado a espada exatamente onde queria, e com grande força.

— Largue a menina — disse Thomas.

— Vou largar.

A ponta da espada cutucou o capuz de lã de Jacquot e se firmou logo atrás de sua orelha. Ele sabia que o homem que a empunhava podia enfiá-la pelo capuz e pelo crânio tão facilmente quanto numa abóbora.

— Por favor, não me mate — disse Jacquot.

— Preciso, ou não consigo dormir aqui.

— Eu vou embora.

— E vai voltar de noite para cortar minha garganta por amor a Godefroy. Ele é seu primo.

— Pelo lado da minha mãe. E eu não gostava da minha mãe.

— Sinto muito, Jacquot.

— Você podia ir embora.

— Estou cansado demais. E você me encontraria.

— Não.

— Largue a menina para que não se machuque.

— Não.

— Quer mesmo que seu último ato na Terra seja tentar se esconder atrás de uma garota que quase estuprou?

Ele a largou, depois cobriu os olhos com as mãos. Mas, enquanto Thomas tentava reunir coragem para o golpe, a menina se pôs diante do homem menor.

— Não o mate — disse ela.

Ela ergueu o olhar para Thomas, e ele reparou como os olhos dela eram claros e cinzentos. Como o sílex nas paredes do celeiro, mas luminosos. Como um céu nublado prestes a se abrir em azul.

Thomas baixou a espada.

A chuva parou.

— Não mate mais ninguém.

2

Sobre Mel e a Cruz Quebrada

Thomas e a menina dormiram no celeiro em montes separados de feno apodrecido, com o homem de olhos caídos amarrado na antiga baia do burro. Ele não causou problemas à noite porque sabia o quão perto da morte estivera, mas, já de manhã, esqueceu-se e acordou Thomas.

— O quê? — rosnou Thomas.

— Minha camiseta. Pode me ajudar a tirá-la para eu não sujá-la? Preciso cagar.

— Cague em você mesmo.

— Só precisa puxar um pouco a camisa.

— Não me importo se você se cagar. Não merece coisa melhor.

— É a minha única camisa.

— Há um riacho. Jesus, você parece uma mulher. Feche a boca.

— Então vai me soltar quando for embora? Assim posso lavar minha camisa?

— Não, se não ficar quieto.

O homem de olhos caídos ficou em silêncio por um minuto. Depois não ficou mais.

— Como consegue dormir com todos esses pássaros fazendo barulho? E com aqueles dois ali, mortos. Pelo menos fechou os olhos deles?

— Não. Eles vão querer ver Jesus chegando.

— Pelo menos o problema acabou e isso é uma coisa boa. Vai me deixar com minha espada e a besta?

— Não sei.

— Porque, se não deixar, é como me matar.

— Não, Jacquot, não é. Matar você seria como matar você, e ainda estou tentando a isso.

— Poderia enterrá-los. Poderia envolvê-los num pano, enterrá-los e deixar uma pá. Assim eu demoraria a chegar até eles. Você teria vantagem. Ou, se quisesse ganhar tempo, podia quebrar a...

Thomas se levantou.

— Desculpe. Estou nervoso. Falo demais quando fico nervoso. Vou me calar agora.

— Já é tarde demais.

Ele se aproximou de Jacquot e o golpeou com o punho de ferro até o homem perder os sentidos e soltar o intestino. O cheiro irritou Thomas, que foi até a porta do celeiro respirar o ar fresco da manhã, que era puro e agradável. Algumas poucas estrelas ainda piscavam num céu límpido que começava a clarear no leste. Estava claro demais para ver o cometa, e ele ficou aliviado por isso. Não queria mais nada com que se preocupar naquele momento.

A menina começou a fazer barulho em seu sono; de início, apenas sons, mas depois murmurou:

— Papai... papai... Eles veem você através da pintura. Os meninos... são demônios. Afaste-se dela.

Thomas a despertou, sua mão enorme engolindo o ombro dela ao sacudi-la. Ela o fitou primeiro com desconfiança, depois lembrou-se de que era o homem que a havia protegido. Depois lembrou-se de mais, e pareceu prestes a chorar.

— Nada de lágrimas — disse ele. — E nada de falar de demônios.

— Vou tentar não chorar — respondeu. — Mas não sei se consigo.

— Apenas tente.

Ela se levantou agora, sacudindo a palha do cabelo emaranhado.

— E quem falou em demônios?

— Você, no sono.

— Sei que tive um pesadelo, mas não lembro de demônios.

— Pare de dizer isso. Atrai a atenção deles quando fala.

— Sim — disse ela. — Acho que é verdade.

Thomas caminhou até onde a mão decepada do gordo ainda agarrava o martelo de guerra. Tentou abrir os dedos rígidos, desistiu e segurou o martelo por cima, levando-o até onde a besta de Jacquot estava. A menina

achou que ele fosse esmagar a arma, mas em vez disso quebrou a manivela ao lado dela, batendo até reduzi-la a sucata.

— Por que não a besta? — perguntou a menina.

Ele a observou, em pé, com braços e pernas delicados, e achou estranho que as crianças fossem pequenas e aceitassem isso como normal. Não conseguia se lembrar de quando era pequeno. O que deveria parecer para ela vê-lo tão alto, segurando aquele martelo assassino? Como devia ser viver sabendo que a sua vida dependia do capricho dos gigantes ao redor?

— Por que não a besta? — repetiu ela, um pouco mais alto.

— Porque é bonita demais. Foi feita por italianos, e consegue lançar um projétil através de uma cota de malha como se fosse uma casca de ovo.

De fato era uma coisa bela, o cabo de cerejeira polida com painéis de marfim esculpidos representando a Última Ceia.

— Ele vai matar você com isso.

— Então isso é problema meu.

— Meu também.

— Como assim?

— Vou com você.

— Besteira.

— Vou sim.

— Falamos disso depois. Mas ele não consegue armar a besta sem outra manivela. Não tem força. Eu não tenho força. Nem Sansão teria.

Ela se aproximou.

— Não pragueje.

— Não quero saber. Eu falo o que quiser.

— Isso é...

— O quê?

— Indigno.

— Veja só, que palavra bonita. Sabe ler, não sabe?

— Sei. Francês e latim. Não grego.

— Então, que história é essa de você vir comigo?

— Por que não pega a besta?

A arma seria útil para caçar, se Thomas tivesse alguma habilidade com ela; mas não tinha. Errava quase todos os cervos, codornas e coelhos que tentava acertar com arco ou besta, e não gostava de atravessar com a lança cervos acuados pelos cães. O único animal que gostava de caçar era o javali, porque ele virava e lutava até o fim, até receber o golpe da lança bem fundo. Isso, sim, era um dom que Thomas possuía.

— É indigno matar de longe.

— Nosso Senhor disse para não matar de jeito nenhum. Qual a diferença?

— Nosso Senhor também disse: dai a César o que é de César. Minha espada pertence ao meu senhor. Ou pertencia, até os ingleses o cobrirem de flechas em Crécy. Tentaram cobrir a mim também, mas sobrevivi. Deus, em Sua sabedoria, me fez homem de guerra.

— Ainda assim, anda com um homem que mata de longe. Então o que fazia na estrada com esses homens?

— Bem... isso é outra questão.

— Estou perguntando.

— Você estava perguntando da besta, e eu estava tentando responder.

— Poderia vendê-la.

— É dele — disse Thomas, indicando Jacquot. — Ele precisa dela. Não é forte.

— Nem você, se anda com ele.

— Mas que saco você é! De qualquer forma, não ando com ele. Não mais. Você resolveu isso.

Ela baixou os olhos, usando o dedão do pé para empurrar um talo de palha no chão.

— E por que se aproximou de nós? Foi burrice.

— Eu precisava...

— Eu sei. Por causa do seu pai morto. Mas meninas não devem se aproximar de soldados. Agora você sabe disso, não sabe?

— Agora sei.

— Ótimo.

Ela usou dois dedos para erguer a palha até perder o equilíbrio, então pegou outra palha e recomeçou a brincadeira.

— Mas, se eu não tivesse ido até vocês, estaria sozinha.

— Você está sozinha.

— Não. Vou com você.

— Mas que saco! Três sacos!

— Não fale palavrão.

— Pelas chagas de Cristo, menina. Pelas sangrentas e devassas chagas de Cristo!

— Enterre meu pai.

— Não.

— Ele me chamava de “minha lua”.

— O quê?
— Minha lua. Era como ele me chamava.

— Vou alcançá-la!

— Não, não vai.

— Vou sim.

Ela voltou a fitá-lo.

— Então talvez vá para o Céu, se conseguir alcançá-la fazendo algo bom.

Thomas ia falar, mas não falou.

Baixou a cabeça e assentiu.



O trabalho seria duro. Então ele obrigou o homem de olho caído a fazê-lo. Thomas ficou do lado de fora da casa, a espada apoiada no ombro, olhando para dentro, enquanto Jacquot quebrava as pernas da mesa da família e depois, usando o lençol debaixo do morto, arrastava-o para cima dela. Estava meio histérico de medo; enrolara a ponta do capuz em volta do rosto e enfiara um ramo de lilás e lavanda junto ao nariz para manter o ar do mal afastado.

— O ramo fez muito por eles — disse Jacquot, erguendo o cadáver sobre a tábua. A voz mal se ouvia através do pano e do zumbido das moscas. — Digo, por São Luís e seu carvalho vagabundo. Se essa maldita coisa funcionasse, ele estaria aqui, dançando conosco. Em vez disso, fede até os pés de Deus, pronto para se abrir para os vermes dentro dele, e eu sou o próximo. Você me matou, me obrigando a fazer isso.

— Cale a boca.

Jacquot resmungou ao arrastar o fardo pelo batente da casa.

— Então perdemos meio dia enterrando um estranho e deixamos nossos amigos como animais?

— Nossos amigos eram animais. Estamos fazendo isso pela menina. Agora cale a boca.

— Vai me nocautear de novo? E quem vai rolar esse velho para dentro da cova? Você, com certeza.

— Está me dando dor de cabeça.

— Quem tem dor de cabeça? Você não foi espancado quase até a morte ontem à noite. Você não se cagou, não cavou uma cova e não...

Ele parou de falar quando a menina se aproximou. Já estava pronto para despejar o corpo na cova rasa, mas ela veio até ele e colocou uma pequena cruz de madeira de cerejeira na mão do morto.

— Acabou — explicou simplesmente.

Então surpreendeu e horrorizou os dois homens ao beijar a figura inchada na bochecha.

— Adeus, papai — disse. — Agora, mamãe vai cuidar de você e este cavaleiro vai cuidar de mim.

— Já terminou? — disse Jacquot.

Ela assentiu. Ele inclinou a mesa e o corpo do pai caiu na cova, se abrindo como fruta podre. A menina não quis ver, mas olhou para o rosto de Jacquot enquanto ele olhava.

— Está tudo bem — disse. — Não é mais ele de verdade.

— Sem dúvida — respondeu, tossindo dentro do pano que estava prestes a tirar, quando Thomas apontou para a pilha de terra.

— Ah, vamos lá. Me deixe descansar um pouco.

— Depois de cavar.



Enquanto o homem de olho caído suava e reclamava e, pouco a pouco, enchia a cova atrás da casinha, a menina voltou para dentro e logo retornou, trazendo sobre o ombro um lençol amarrado cheio de coisas que claramente pretendia aproveitar.

— Para onde vamos? — perguntou ela a Thomas.

— Bem, eu vou para o sul, ou talvez para o leste. Ainda não decidi.

— O que há no sul, além do papa? — disse.

— Não sei. Só sei que não é o oeste.

— O que há no oeste?

— Mais disso — respondeu, indicando a terra morta e arruinada ao redor.

— Está bem, então. Sul — disse ela.

— Uma cidade — disse Thomas, erguendo um dedo grosso e calejado.

— Levo você até a próxima cidade e a mantenho segura até lá. Mas se

chorar, resmungar ou se queixar no caminho, te deixo para trás. Se se comportar razoavelmente, largo você no colo da primeira abadessa viva ou até de alguma noviça devassa que eu vir.

Ela semicerrava os olhos diante das blasfêmias dele, mas ele aproximou o dedo de seu rosto, dizendo:

— E vou praguejar como quiser. Pela Virgem, pelo leite azedo dela, pelos fios de pelos de porcos mortos, seja lá o que o diabo puser na minha boca. E quanto mais você reclamar, pior vai ficar.

Ela estreitou ainda mais os olhos para ele, o que fez Thomas pensar que o pai dela devia ter a mão lenta para bater.

— Não faça careta para mim. Passe esse saco que trouxe.

— Por quê?

— Está pesado demais para você e não temos cavalo — disse, arrancando-o de suas mãos.

— Podia ter um burro.

— O quê?

— Você comeu meu burro.

Ele resmungou e começou a tirar coisas de dentro, começando por seis velas amarelas de cera de abelha.

— Que luxo — disse. — Nenhum servo tem velas de cera. O que seu pai fazia?

— Ele é advogado. E cria abelhas. Criava, quero dizer. Trocava mel e favos por elas com o negociante. Logo depois de as pessoas começarem a adoecer, uns aprendizes vieram e queimaram as colmeias, dizendo que as abelhas tinham trazido a doença, voando de cidades doentes para cidades onde havia judeus. Mais tarde, voltaram famintos, pedindo mel, mas papai disse que tinham queimado tudo, então ameaçaram matá-lo, mas só bateram nele. Mas não o machucaram muito. Ainda assim, ele guardara um pouco.

— Pois guardou mesmo — disse Thomas, lambendo o dedo ao puxar um pote melado. E depois outro. Lançou um olhar rápido para Jacquot, que já tinha visto os potes e vinha depressa, esquecendo-se de que ainda segurava a pá.

Thomas se ergueu e apontou a espada para o homem, que lembrou da pá, largou-a e caiu de joelhos, juntando as mãos diante do peito. Abriu a boca como se esperasse a comunhão. Thomas ficou sobre ele com o pote de mel e a espada.

— Por favor? — disse Jacquot, com a voz mais miúda que conseguiu.

— Está bem, está bem, passarinho. Pare com esse piado — disse Thomas, embainhando a espada. Inclinou o pote daquela coisa espessa e âmbar e o segurou sobre a boca do homem menor, de onde caiu um fio lento. Jacquot emitiu sons de prazer e engoliu, sorrindo e lambuzando a barba de modo repugnante. Mas não veio uma segunda gota, embora ele abrisse a boca de novo, esperançoso.

— Cave.

— Já acabei.

— Quase. Continue cavando.



Thomas puxou um grande livro da sacola da menina.

— O que é isso?

Ela apenas ergueu os olhos para ele.

Ele semicerrou os olhos para as letras e as pronunciou.

— Thomas de Aquino? Sério?

Ela assentiu.

— Não sabe ler? — perguntou.

— Não Thomas de Aquino.

— Pensei que cavaleiros soubessem ler.

— Quem disse que eu era cavaleiro?

— Você parece um cavaleiro.

— Você não conheceu muitos cavaleiros. A maioria sabe escrever o bastante para não ter que desenhar uma galinha como assinatura, mas nada... erudito.

— Thomas de Aquino é o favorito de papai. Porque poderia ter sido um senhor, mas escolheu renunciar ao mundo. Embora eu prefira muito mais São Francisco.

— Achei que Aquino fosse gordo.

— Não sei.

— Era. Era grande e gordo. Então pode até ter renunciado aos seios das mulheres, mas comeu bolos até ganhar os seus.

— Não deveria zombar de um grande homem.

— Até o livro dele é gordo. Pesa tanto quanto um bezerro.

— Eu o carregou.

— Vai começar carregando e depois eu carrego. Se seu papai o amava, deixe-o com ele. E isto? Que diabos é isso?

Ele ergueu um pequeno instrumento de osso de cervo, com um tubo e uma bolha na ponta. Ela o pegou dele, levou-o ao balde de água e encheu um pouco. Depois soprou no tubo e ele piou agradavelmente, soando exatamente como um pássaro.

— Deixe isso — disse, tomando-o dela.

Estava prestes a quebrá-lo, mas ela pôs a mão sobre a dele.

— Por quê? Não pesa nada. E me deixa feliz.

— Fazer você feliz não é o meu trabalho.

— Eu sei. É por isso que quero o apito.

Ele resmungou e devolveu a ela.

— Você não faz nada além de resmungar?

Ele resmungou de novo.

Ela respondeu soprando em seu brinquedo, conseguindo parecer ao mesmo tempo inocente e desafiadora, o apito soltando seu canto alegre de pássaro.

— Mas isso você vai deixar — disse ele, mostrando-lhe uma cruz de madeira e chumbo. Ela parou de soprar.

— Não — disse.

— A verdadeira pesava menos.

— Nos foi dada por um franciscano.

— Por um punhado de prata e um longo olhar para sua mãe, se conheço meus franciscanos.

— Por favor, não fale mal da minha mãe. Por todos os seus outros palavrões, não faça isso.

— Está bem. Mas essa vai.

Dizendo isso, Thomas se ergueu e arremessou a cruz para um campo lamacento. Mal a tinha lançado, a menina disparou com suas perninhas de cabo de vassoura e a resgatou da lama, apertando-a contra o peito, sujando ainda mais o vestido outrora branco. Ele tomou-a dela e jogou de novo. Ela correu outra vez para buscá-la.

— Maldição — disse ele quando ela voltou. Pegou de novo e lançou contra uma árvore, onde se partiu em duas peças. A menina o fitou, soluçando, e levou o pulso à boca.

— É só o peso dela — disse ele. — Vamos encontrar uma menor.

Ainda assim, ela soluçava.

— Não chore por isso. É só sucata.

- Não choro por isso.
 - Jesus, por quê então?
 - Só por um momento. Eu vi.
 - Viu o quê?
 - A sua alma.
 - Almas são invisíveis.
 - Nem sempre.
 - Sim, sempre. Mas não para você, hein? Então, como era? Chifres e pezinhos de cabra? Sou um demônio?
 - Não. Mas há um perto de você. Sempre há um perto de você. Eles querem você.
 - Uma bruxa. Jesus Cristo, vou pegar a estrada com uma bruxinha esquisita.
- Ela enxugou as lágrimas das faces com o lado interno dos pulsos. Parecia uma pequena camponesa selvagem. Quem aceitaria levá-la para dentro de casa?
- Tem um pente nessa sacola?
 - Não.
 - Há um na casa?
 - Sim. Era da minha mãe.
 - Traga. E comece a usar.

3

Sobre Torre e a Igreja Saqueada

Uma velha torre os fitava do alto de uma colina, por entre suas janelas estreitas; a fortaleza de algum pequeno senhor herdada dos dias normandos, não muito diferente daquela que Thomas deixara para trás na Picardia. Em tempos melhores, um cavaleiro poderia ter saído dali a cavalo e lhes cobrado pedágio pelo uso da estrada, mas provavelmente cavalo e cavaleiro já estavam no estômago dos corvos que grasnavam para eles dos parapeitos. A sombra da torre descia pela colina de relva dourada em direção a eles, e Thomas calculou que ainda lhes restavam 3 horas de luz.

— Como se chama esta cidade? — perguntou ele à menina, abanando-se com o chapéu.

— Fleur-de-Roche — disse ela. — Gostaria de saber meu nome também?

— Não.

— É para não se afeiçoar a mim?

— Isso.

— Mas poderia querer se soubesse meu nome e outras coisas sobre mim, para que eu não fosse apenas “menina”. É por isso?

— Cale a boca.



Era uma cidade pequena, mas maior que aquela onde ele encontrara a menina. Descendo a colina da torre, uma igreja de pedra dominava um aglomerado de lojinhas e algumas dezenas de casas. Azuis flores de chicória cresciam livres em um campo em declive, enquanto ao redor cevada e espelta, sem dono, ondulavam na brisa morna. A festa da colheita de Lammas tinha vindo e passado sem ser celebrada ali.

Ele olhou de novo para a torre. Seria útil subir a colina e observar a estrada e a cidade. A torre era convidativa, mas arriscada. A porta pesada parecia estar entreaberta. Um convite? Seria um local perfeito para emboscada, se alguém tivesse disposição; nove em dez chances diziam que estava vazia — era aquela décima que trazia tanto desgosto.

Não carrego nada que valha a pena roubar.

A menina ergueu os olhos para ele, os cabelos já mais dourados que louros depois de secos, agora que o sol batia sobre eles.

Carrega sim.

Thomas deixou a menina perto da estrada, entregando-lhe seu chapéu de palha. Ajustou o elmo cônico que pendia de seu cinto sobre a cota de malha da cabeça e subiu a colina até a base da torre, desembainhando a espada e apoiando-a no ombro.

Talvez tivesse entrado para revistar a torre, mas não quis passar pelas duas serventes mortas sentadas junto ao portão. Os corvos já tinham mexido nelas e elas lhe sorriram com olhos negros, as cabeças quase se tocando com ternura. Ele caminhou ao longo do muro com os corvos zombando até encontrar um ponto de onde podia ver a estrada por onde tinham vindo. Sentou-se à sombra do muro por alguns minutos e ficou observando a estrada, certificando-se de que ninguém os seguia.

Era improvável que Jacquot tivesse se soltado tão depressa. Thomas o encontrara enchendo a cueca com as correntes de ouro do pescoço de Godefroy e com as moedas de prata que restavam no alforje do gordo; outra surra se seguiu, amenizada pela menina, mas então Thomas decidiu que seria adequado deixá-lo amarrado à árvore de onde tirara a garota. Também pendurou um cartaz de madeira em seu pescoço, no qual a menina escreveu a carvão sob sua instrução.

façam de mim

o que vos parecer justo fazer com ladrões

Foi o que Thomas mandou que escrevesse, pelo menos. Ela traduziu de forma um tanto liberal.

nós ladrões faremos o mesmo com você

se o pegarmos

A besta de Jacquot fora escondida na árvore ao lado, pendurada como fruto maligno junto ao saquinho de projéteis. Ele resmungara enquanto Thomas atava-lhe os membros com a corda que a menina trouxera da casa, chorando que estava apertado demais, que não sobreviveria à noite, ou que cães selvagens viriam comê-lo.

— Que cães? Todos estão mortos. Mais fácil que seja devorado por camponeses famintos.

Então Jacquot mudou de tática e lembrou a Thomas dos bons tempos que tiveram juntos, se envolvendo em brigas e danças na festa da Candelária perto de Évreux.

— Você desmaiou e tive que carregá-lo de volta ao acampamento. Quem se divertiu foi você. — Disse que três era melhor que dois se houvesse problema.

— Não se um desses três causar o problema. — E Thomas lhe deu as costas.

— POR FAVOR! — gritou Jacquot, fazendo a menina parar.

— Não poderíamos...?

Ela começou, mas ele a interrompeu.

— Se voltar, será dele para cuidar de você.

Ela baixou a cabeça e continuou a andar.

Quando já estavam quase fora do alcance da voz, Jacquot terminou gritando maldoso:

— Deus abençoe vocês dois por isso — e depois berrou até ficar rouco.

Ao passarem diante de uma casa de telhado recém-coberto de palha amarelada-esverdeada, uma mulher tossiu de dentro, um som úmido, e logo entouou em voz alta um *Pater Noster*, interrompido por mais tosses. A menina se aproximou da janela, mas Thomas a puxou pela manga.

— Conheço ela — disse a garota. — Nos dias de festa, põe uma mesa e vende bolos de mel e nozes. Ela é boa.

— A peste não liga para bondade. Fique longe dali.

— Não consigo lembrar o nome dela.

— Agora ela não tem mais nome.

A menina parecia prestes a chorar, mas fez o sinal da cruz e seguiram em direção à igreja.

— Conhece mais alguém aqui?

— O padre é o Père Raoul. Papai me trouxe aqui para ver os mistérios na primavera. Foi Adão e Eva, e depois a Mulher de Ló. Os atores sempre

convidam o padre da aldeia para participar; Père Raoul fez a serpente, depois o homem perverso de Sodoma e, em seguida, o diabo. Ele tinha um par de chifres vermelhos. Acho que gostava de ser mau, desde que fosse de brincadeira.

— Sabe onde é a casa dele?

— Não.

— Se o encontrarmos, deixo você com ele.

Novas covas salpicavam o cemitério da igreja e, logo adiante, um grande fosso escancarava-se com um monte de terra ao lado. Thomas sabia o que havia lá dentro. Toda cidade tinha algo parecido. Os primeiros mortos ainda receberam sepultura cristã, e então os que os enterraram também precisaram ser enterrados, e depois havia tantos que cavaram uma vala comum, e depois não havia mais quem tivesse coragem sequer de levá-los até a vala.

— Estão todos mortos aqui — disse a menina.

— Talvez. Mais provável é que estejam escondidos. Eu me esconderia de estranhos, e você?

Ela balançou a cabeça em negativa.

— Não, acho que já sabemos que você não faz isso.

Thomas ergueu o lenço sobre nariz e boca ao passarem pela vala e foram espiar a igreja.

Era uma construção simples, de chão batido. A cruz e tudo mais de valor tinham sido levados do altar.

— Acho que seu padre está morto — disse Thomas, olhando para ela.

A menina franziu a testa.

— Ele era tão bom. Por que Deus mataria bons padres?

— A peste mata tudo. Só os padres que não visitam os doentes têm alguma chance de viver.

— Então ele está morto — disse ela.

— Parece que vou ter que ficar com você por mais um tempo. Dormiremos na igreja. Talvez ninguém tenha morrido aqui dentro.



Durante a noite, ele ouviu a menina falar, não em francês, mas em latim. Achou ter ouvido ela dizer “Avignon”. Pensou em sacudi-la, mas em vez

disso levantou-se e saiu para andar no ar fresco e olhar as estrelas. Um cometa havia surgido na semana anterior, perto de Cygnus, e ele olhou para ver para onde se movia. Não demoraria para cortar o pescoço do belo cisne no leste. Ele sabia que aquilo era mau agouro, sinal de peste em um céu doente, mas era tão belo que não conseguia parar de olhar. Houvera outros antes dele. Três de uma vez tinham dividido o céu de abril, um tão brilhante que apagava as estrelas em volta; isso foi antes da peste chegar à Normandia, mas já havia começado a se espalhar em outros lugares, e todos falavam do Dia do Juízo. Ele se lembrava das histórias dos viajantes que encontravam — e muitas vezes assaltavam; um terremoto na Itália, menor que os terremotos e tempestades anômalas que castigaram a Índia; como o chão se abria na terra dos mongóis, até o Inferno, e fora este que arrotara essa pestilência. Os cometas eram apenas mais um indício de que algo no mecanismo do Céu tinha se quebrado.

Vários dos outros salteadores sob Godefroy tinham desertado antes que a doença os reduzisse dos 24 que eram quando encontraram o burro da menina. Havia pensado em salvar suas almas ao deixar o bando de ladrões, mas isso provavelmente salvara suas vidas. O bando adoecera depois de roubar mercados com uma carroça carregada de peles; mal tinham abandonado um doente à própria morte, outro começava a gerar no sono por causa de um inchaço na axila ou na virilha.

Doze morreram em duas semanas.

Ele pensou mais para trás, nos dias após seu ferimento e traição, quando chegara pela primeira vez à Normandia, disposto a se condenar e enriquecer. Uma prostituta o havia prevenido de não tomar a estrada de Normanville a Évreux naquela noite de primavera, porque sabia de homens em tocaia ali. Thomas pagou para que o levasse por aquela estrada, que cheirava a todas as notas espalhafatosas da primavera, mas sobretudo a madressilva, e para que o apresentasse àqueles homens.

A Godefroy.

O bandido mais temido da Normandia, por um ou dois anos.

O homem que ele acabara de matar.



Quando voltou para dentro da igreja, a menina estava sentada.